



ESCOLA E DEMOCRACIA

Resenha

O autor do livro *Escola e Democracia*, Dermeval Saviani, nasceu em Santo Antônio de Posse, no estado de São Paulo, em 25 de dezembro de 1943. De 1967 a 1969, lecionou filosofia, história e história da arte no Colégio Estadual Professor Ataliba de Oliveira, no bairro de São João Clímaco na periferia de São Paulo. Entre agosto de 1975 e março de 1978, atuou como professor titular da UFSCAR, quando presidiu a comissão que planejou o Programa de Pós-Graduação em Educação, instalado em março de 1976, sob sua coordenação.

De acordo com estimativas relativas a 1970, “cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semi-analfabetismo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina” (TEDESCO, 1981, p. 67). Isto sem levar em conta o contingente de crianças em idade escolar que sequer têm acesso à escola e que, portanto, já se encontram a priori marginalizadas dela, segundo Dermeval.

Existem dois grupos de teorias: teorias não críticas e teorias crítico-reprodutivistas. As teorias não críticas são entendidas como um instrumento de equalização social, portanto, de superação da marginalidade. As teorias crítico-reprodutivistas entendem a educação como um instrumento de discriminação social, logo, um fator de marginalização. As teorias não críticas são: a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista. As teorias crítico-reprodutivistas são: “teoria do sistema de ensino como violência simbólica”; “teoria da escola como aparelho ideológico de Estado(AIE)”; e “teoria da escola dualista”.

No grupo das teorias não críticas, a sociedade é concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo à integração de seus membros. A marginalidade é, pois, um fenômeno acidental que afeta individualmente um número maior ou menor de seus membros, o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção

Denise Souza Queiroz¹



¹med2425deni@hotmail.com



que não só pode como deve ser corrigida. A educação emerge, nesse contexto, como um instrumento de correção dessas distorções. Constitui, pois, uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social.

No grupo das teorias crítico-reprodutivistas, a sociedade é concebida como sendo essencialmente marcada pela divisão entre grupos ou classes antagônicas que se relacionam à base da força, a qual se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material. Nesse quadro, a marginalidade é entendida como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade. Isso porque o grupo ou classe que detém maior força se converte em dominante, se apropriando dos resultados da produção, tendendo, em consequência, a relegar os demais à condição de marginalizados.

À teoria pedagógica tradicional correspondia determinada maneira de organizar a escola. Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições, que os alunos seguiam atentamente, e aplicava os exercícios, que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. A Pedagogia Nova começa por efetuar a crítica da Pedagogia Tradicional, esboçando uma nova maneira de interpretar a educação, ensaiando implantá-la, primeiro, por intermédio de experiências restritas; depois, advogando sua generalização no âmbito dos sistemas escolares. Ainda segundo o autor Dermeval Saviani, a partir do pressuposto da neutralidade científica, inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a Pedagogia Tecnicista advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional.

A teoria crítico-reprodutivista está desenvolvida na obra *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, de P. Bourdieu e J.C. Passeron (1975). A obra é constituída de dois livros. No livro I, "Fundamentos de uma teoria da violência simbólica", a teoria é sistematizada num corpo de proposições logicamente articuladas segundo um esquema analítico-dedutivo. O livro II expõe os resultados de uma pesquisa empírica levada a cabo pelos autores no sistema escolar francês em um de seus segmentos, qual seja, a Faculdade de Letras. A violência simbólica manifesta-se de múltiplas maneiras: formação da opinião pública pelos meios de comunicação de massa, jornais etc.; pregação religiosa; atividade artística e literária; propaganda e moda; educação familiar etc.

No entanto, na obra em questão, o objetivo de Bourdieu e Passeron é a ação pedagógica institucionalizada, isto é, o sistema escolar. O autor Dermeval Saviani afirma que os autores tomam como ponto de partida que toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Daí, o nome violência simbólica. Sobre a base da força material e sob sua determinação, erige-se um sistema de relações de força simbólica, cujo papel é reforçar, por dissimulação, as relações de força material. É essa a ideia central contida no axioma fundamental da teoria.

Na teoria da Escola como Aparelho Ideológico de Estado (AIE), o conceito "Aparelho Ideológico de Estado" deriva da tese segundo a qual "a ideologia tem uma existência material". Nesse contexto, o fenômeno da marginalidade inscreve-se no próprio seio das relações de produção capitalista que se funda na



expropriação dos trabalhadores pelos capitalistas. A teoria da Escola Dualista foi elaborada por C. Baudelot e R. Establet e exposta no livro *L'École Capitaliste em France* (1971). O autor chama de “teoria da escola dualista”, porque os autores se empenham em mostrar que a escola, em que pese sua aparência unitária e unificadora, é uma escola dividida em duas (e não mais do que duas) grandes redes, as quais correspondem à divisão da sociedade capitalista em duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado.

Baudelot e Establet, elaboradores da teoria, procedem de modo didático, enunciando preliminarmente as teses básicas que sucessivamente passam a demonstrar. Assim, na primeira parte, após dissipar “as ilusões da unidade da escola”, eles formulam seis proposições fundamentais que passarão a demonstrar ao longo da obra: 1. “existe uma rede de escolarização que chamaremos rede secundária-superior (rede S.S.)”; 2. “existe uma rede de escolarização que chamaremos rede primária-profissional (rede P.P.)”; 3. não existe terceira rede;

4. estas duas redes constituem, pelas relações que as definem, o aparelho escolar capitalista, este aparelho é um aparelho ideológico do Estado capitalista; 5. enquanto tal, este aparelho contribui, pela parte que lhe cabe, a reproduzir as relações de produção capitalistas, quer dizer, em definitivo a divisão da sociedade em classes, em proveito da classe dominante; e 6. é a divisão da sociedade em classes antagonistas que explica, em última instância, não somente a existência das duas redes, mas ainda (o que as define como tal) os mecanismos de seu funcionamento, suas causas e seus efeitos.

Dermeval Saviani expõe a abordagem política do funcionamento interno da escola de 1º grau no capítulo 2 da sua obra. Ele aborda a questão da organização da escola de 1º grau e examina mais propriamente como se desenvolve o ensino. Nesse sentido, o autor faz uma exposição centrada em três teses: 1- tese filosófica-histórica: do caráter revolucionário da pedagogia da essência e do caráter reacionário da pedagogia da existência; 2- tese pedagógica-metodológica: do caráter científico do método tradicional e do caráter pseudocientífico dos métodos novos; e 3- tese política: de como, quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática ela foi; e de como, quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática.

Quanto à primeira tese, “do caráter revolucionário da pedagogia da essência e do caráter reacionário da pedagogia da existência”, o que Saviani quer dizer é, basicamente, o seguinte: “nós estamos hoje, no âmbito da política educacional e no âmbito do interior da escola, na verdade, nos digladiando com duas posições antitéticas que, geralmente, são traduzidas em termos do novo e do velho, da pedagogia nova e da pedagogia tradicional”. Quanto à segunda tese, “do caráter científico do método tradicional, e do caráter pseudocientífico dos métodos novos”, esse ensino tradicional, que predomina ainda hoje nas escolas, constituiu-se após a Revolução Industrial e, se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século XIX, no momento em que, consolidado o poder burguês, acionou-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática. E, por último, o autor faz referência a um apêndice. Esse apêndice faz uma pequena consideração sobre “a teoria da curvatura da vara”. O autor relata que, conforme Althusser (1977, p.136-138), ela foi enunciada por Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais “quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não



basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto”.

As teses funcionam como antíteses por referência às ideias dominantes nos meios educacionais. É este sentido de negação frontal das teses correntes que se traduz metaforicamente na expressão “teoria da curvatura da vara”. Com efeito, assim como para se endireitar uma vara que se encontra torta não basta colocá-la na posição correta, mas é necessário curvá-la do lado oposto, assim, também, no embate ideológico, não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos, é necessário abalar as certezas.

Enfim, em sua existência histórica, nas condições atuais, educação e política devem ser entendidas como manifestações da prática social próprias da sociedade de classes. Trata-se de uma sociedade cindida entre interesses antagônicos.

Referências

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 35. ed. rev., Campinas: Autores Associados, 2002.